



PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL MỸKY



PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL MỸKY

Mỹky. Vale do rio Juruena. Mato Grosso. Brasil.
2012



Autoria

POVO Mĩky

Organização, edição e concepção gráfica

Andrea Jakubaszko
Artema Lima

Consultoria antropológica

Andrea Jakubaszko

Consultoria ambiental

Luciana Ferraz

Elaboração dos mapas

Luciana Ferraz
Amintas Nazareth Rossete (LANA/UNEMAT)
Suzy Mara Klemp

Colaboradores

Elizabeth Aracy Rodon Amarante
Amintas Nazareth Rossete

Revisão

Andreia Fanzeres
Elizabeth Aracy Rodon Amarante
Ivar Luiz V. Busatto

Execução técnica

Juliana Almeida
Artema Lima
Andreia Fanzeres
Fabiano da Matta
Lucas Trevisan
Renata Guerreiro Debora Duran
Marcos Ramires
Debora Duran

Coordenação executiva da OPAN

Ivar Luiz V. Busatto
Lola Campos Rebollar
Rochele Fiorini

Administração e logística

Antonio Tadeu M. Escame
Fernanda de Oliveira Silva
Lucirlene Silveira

Fotografias

Artema Lima
Luciana Ferraz
Alan Cesar Bortoleto
Elizabeth Aracy Rodon Amarante
Tarcísio da Silva Santos Junior
Flávio André Souza
Laércio Miranda
Rodolfo Ferraz
Lucas Trevisan

Fotos da capa

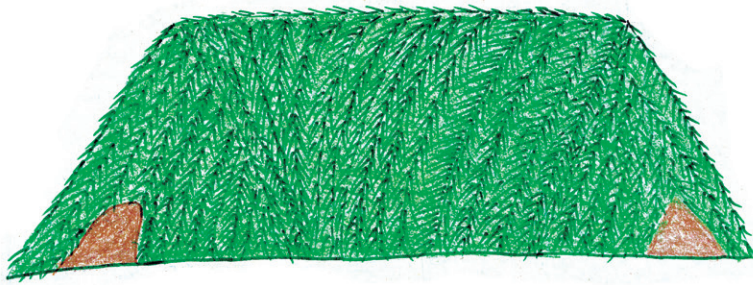
Flávio André Souza
Laércio Miranda

Diagramação

 IrisDesign
www.irisdesign.com.br

ÍNDICE

Apresentação	7
Projeto Berço das Águas	9
Mapa de localização do território tradicional M̃ky	10
Os M̃ky	12
 <i>1ª Parte - História e Paisagens</i>	
Nossa história M̃ky	16
Paisagens do entorno	20
Paisagens M̃ky	30
 <i>2ª Parte - Gestão Territorial M̃ky</i>	
Objetivo	42
Diretriz	44
Jeito de viver	46
• Roça	50
• Acampamentos	60
• Festas	70
Planos de ação	78
• Cenário atual	82
• Cenário médio prazo	84
• Cenário de futuro	86
E, para terminar, a gente vai falar de novo	90



APRESENTAÇÃO

Plano de Gestão Territorial Mÿky

Hoje, muita reunião com branco: mesa, cadeira, relógio. Antigamente: ritual, cultura, comunidade, família. Trabalho de madrugada. Reunir para pensar. Plantar mandioca, caçar, buscar macaco, fazer festa.

A preocupação é grande. Tem que pensar: se ficar só do jeito do branco não vai mais saber, não vai mais conhecer cultura Mÿky. Os brancos não conhecem nossos costumes, falam que temos muita terra e que somos preguiçosos. Não é verdade.

Para falar com eles, eles precisam saber como é o nosso tempo, a nossa hora. Eles têm que nos conhecer. Branco tem hora, cumpre horário olhando no relógio... antes não tinha branco...

O branco não é dono das matas porque nós nascemos aqui. É nosso. Nós vivíamos com machado de pedra lascada e panela de barro, fogo de urucum. Primeiro, este mato era nosso. Agora só temos um pe-

daço. O mapa é importante para mostrar que o que a gente usa. Festa, escola, artesanato. Dependemos da terra, taquara, panela de barro. Queremos fortalecer a nossa cultura, para Jetá ficar mais forte.

Com o desmatamento, não tem como respeitar o lugar dos espíritos. Nossa caça está fora, em terra de fazendeiro que tranca estrada, não deixa mais passar. Isso atrapalha. A gente tem dificuldade, mas luta. A luta une a gente.

Por isso estamos montando o plano de gestão.

A união do povo depende da gente mesmo, de como vamos organizar nossas agendas de fora, participar das reuniões e conversar mais entre a gente para sempre continuar pensando junto. Temos que ter coragem e buscar esse caminho para o Estado reconhecer nosso jeito de fazer, de respeitar nossa cultura.

PROJETO BERÇO DAS ÁGUAS



A Petrobras investe em iniciativas que visam à proteção ambiental e à difusão da consciência ecológica em sua política de patrocínio através do Programa Petrobras Ambiental. O Programa prevê um investimento de R\$ 500 milhões em projetos voltados para a gestão de corpos hídricos superficiais e subterrâneos, a recuperação e conservação de espécies e ambientes costeiros, marinhos e de água doce e a fixação de carbono e emissões evitadas no período entre 2008 e 2012.

Ao apostar em ideias com potencial transformador, o Programa Petrobras Ambiental contribui para o desenvolvimento sustentável, considerando o equilíbrio entre gerações, necessidades humanas e integridade da natureza. Essas relevantes iniciativas ambientais oferecem alternativas econômicas, sociais e ambientais em sinergia com políticas públicas. Acreditando nisso, a Petrobras patrocina o Projeto Berço das Águas.

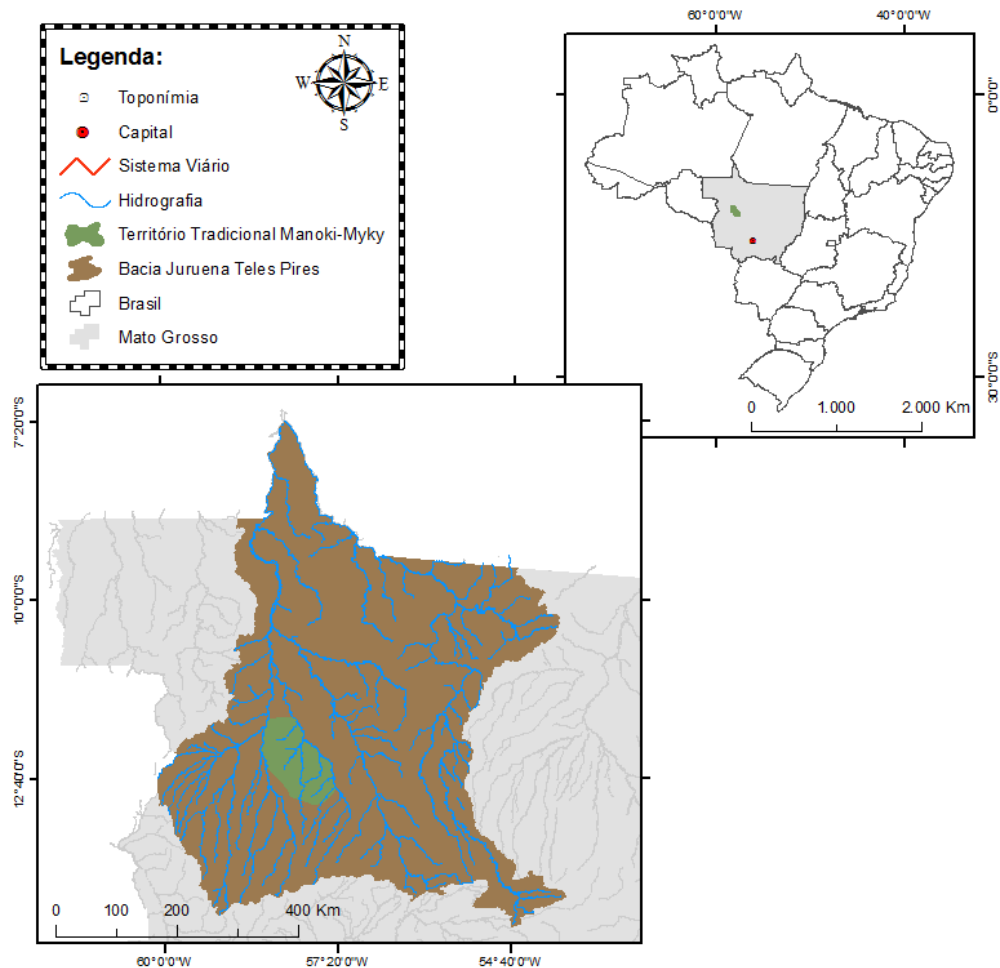
O projeto, iniciado em 2011, abrange o apoio à gestão territorial indígena através de ações como o suporte técnico ao manejo e a estruturação cadeias de produtos florestais não madeireiros na bacia do rio Ju-

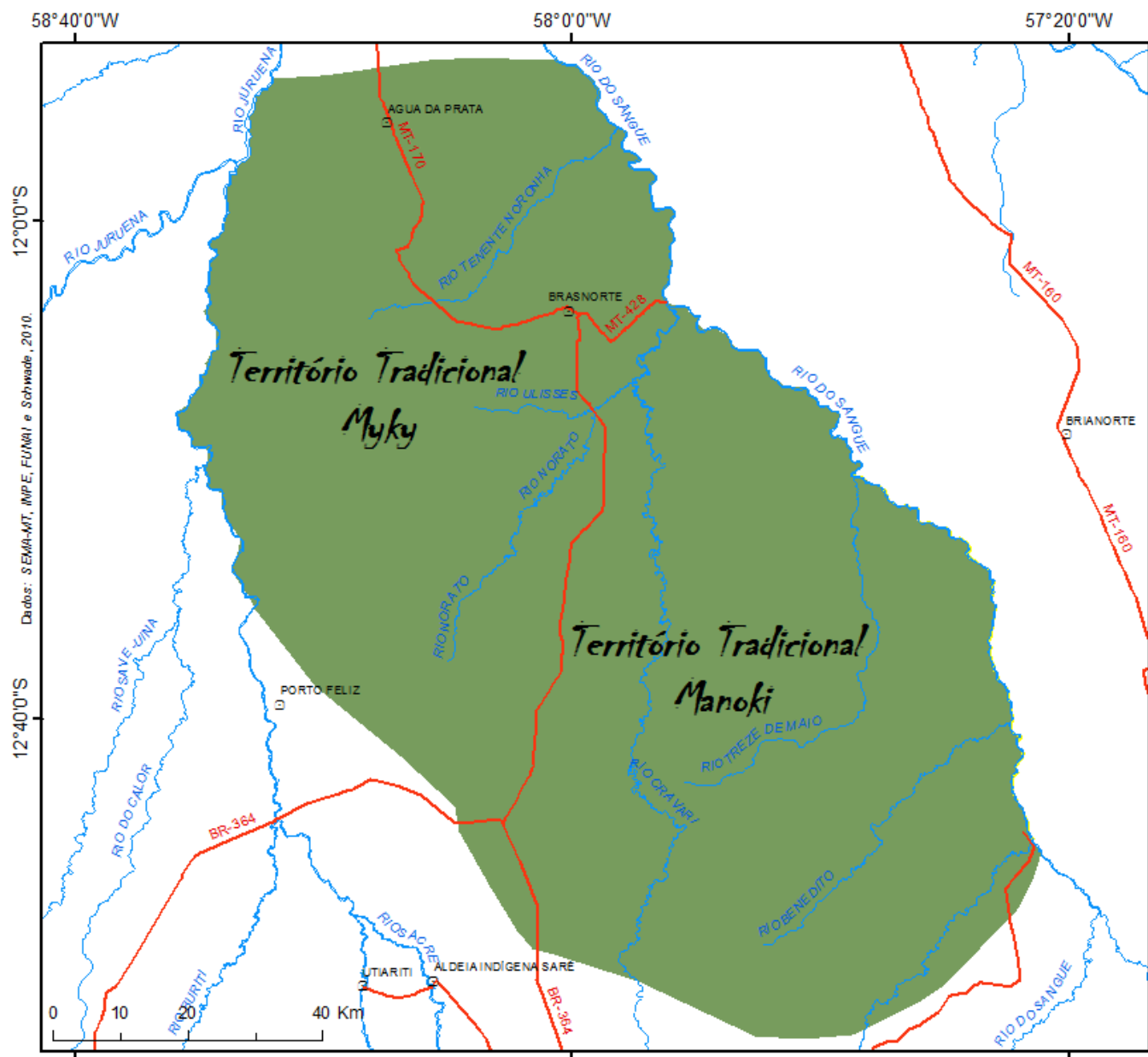
ruena, em Mato Grosso, numa área de transição entre o Cerrado e a Amazônia. Nesta região, as terras indígenas desempenham papel fundamental não só para proteger ativos florestais e hídricos essenciais aos dois biomas mas, sobretudo, para garantir o fortalecimento das culturas de povos originários.

O Projeto Berço das Águas tem mostrado que um novo modelo socioeconômico para regiões pressionadas pelo desmatamento no Mato Grosso é possível a partir das referências e modos de vida dos povos indígenas. Seus desejos, sua história e suas propostas estão expressos em planos de gestão territorial.

O Plano de Gestão Territorial do Povo M'byky foi construído no âmbito do Projeto Berço das Águas pelos indígenas e em parceria com a Operação Amazônia Nativa (OPAN), organização da sociedade civil que há mais de 40 anos atua visando o fortalecimento do protagonismo indígena no cenário regional, valorizando seus modos de organização social através da qualificação das práticas de gestão de seus territórios e recursos naturais, com autonomia e de forma sustentável.

TERRITÓRIO TRADICIONAL DO POVO M'YKY





OS MÛKY

Os MÛky integram imemorialmente o mosaico de povos do Vale do rio Juruena (MT) e falam uma língua isolada, compartilhada com seus parentes Manoki (Irantxe).

Habitam ecossistemas que compõem as áreas de floresta onde estabeleceram ao longo de gerações vários aldeamentos permanentes, assim como acampamentos para exploração sazonal de recursos naturais próximos às áreas de cabeceiras ou nascentes dos rios pertencentes às microbacias dos córregos Rico (Tanãmje'y), Norato (Waijakanãí), Escondido (Iru'umje'y), Noronha (Tjukamje'y), Capitão Hélio (Amje'y), Águas Claras (Aytukamje'y), localizados nas sub-bacias dos rios do Sangue (Mãkanai), Membeca (Aome'y), Juruena (Manãpakama'y) e Papagaio (Pakanaiã). Os MÛky reconhecem como terras de ocupação tradicional essas regiões das nascentes dos rios formadores do Tapajós, tributário substancial da bacia amazônica.

Os MÛky cultivam e manejam recursos naturais, além das paisagens culturais de domínio de entidades ancestrais. Elas configuram referenciais centrais na noção de pertencimento, orientação espacial e de uso e manejo adequado no território.

O manejo realizado pelos MÛky é considerado de baixo impacto ambiental, pois garante a regeneração da paisagem e a manutenção dos recursos naturais, conservando os serviços ecossistêmicos de produção, regulação e suporte cultural.

Contudo, as áreas utilizadas pelos MÛky para ocupação e manejo estão em situação de risco e ameaça permanentes devido à pressão dos modelos de ocupação do entorno: monocultura e utilização de insumos, pecuária extensiva, assoreamento das cabeceiras, desmatamentos, caça e pesca ilegal, e queimadas. Essas atividades provocam alte-

rações ambientais, paisagísticas e funcionais de difícil reversão.

É neste contexto que os Mĩky problematizam em seu Plano de Gestão Territorial os diferentes usos e modelos de manejo que incidem sobre as paisagens, expressando diferentes concepções sobre a territorialidade, no contraste entre a conservação da floresta nas terras da União de uso fruto deles e as áreas devastadas no entorno.

Tanto a roça quanto os rituais realizados pelos Mĩky dependem diretamente do resultado dos acampamentos, sobretudo, os de caça (e castanha). Nesses momentos, ocorre não apenas a coleta de diversos produtos vitais aos Mĩky, como também estratégias e técnicas de manejo, pedagógicas e de vigilância territorial.

O ritual de Jetá corresponde à expressão do elo entre os Mĩky e o seu território. Este ritual dinamiza e coordena a produção da vida social e rege os modos de uso, troca e distribuição, fabricando corpos (sejam eles de pessoas, espíritos, objetos ou paisagens). Isso gera ordem para a sociedade e para o cosmos, mantendo o equilíbrio e harmonia necessários à vida.

A roça de Jetá corresponde a uma roça coletiva destinada ao abastecimento do ritual onde tudo é plantado, com predominância simbólica para o cultivo de milho e algodão, devendo ser manejada apenas por homens iniciados.

A partir dessas referências, os Mĩky definiram como eixos de seu Plano de Gestão Territorial: a roça, os acampamentos e a festa. Esses são os pilares da vida e da organização social Mĩky e determinam as suas lógicas de ordenamento e gestão territorial.



PARTE I

HISTÓRIA E PAISAGENS

*Meu pai era um guerreiro,
minha irmã também.
E, porque eles lutaram,
não podemos parar de lutar nunca
pela nossa terra,
pela vida da gente.*

NOSSA HISTÓRIA MỸKY







Tudo era muito diferente antes. Antigamente, mato fechado. Hoje, nós preocupados demais. De como vamos viver, nosso trabalho, pesca, roça, importante área, mato, caçar, buscar mel, frutas. Fazendeiros não respeitam, madeireiros não respeitam. Mulherada precisa de tucum. Agora Mĩky está escrevendo. Vamos falar da nossa cultura, mostrar.

Antigamente, meu pai contava, jogava bola de cabeça aí. Mĩky, Manoki apostavam batata, cará, pena...



Não tinha Campo Novo, não tinha cidade nenhuma, jogava bola com cabeça, não com o pé. Não tinha açúcar, meu pai me criou com mel.

Hoje, tudo tomado. Branco vê diferente. Para nós, comprar na cidade não sustenta. Tem que ter cará, porco, anta, tudo para nós comer. Pacotinho da cidade não dá, acaba.

Na economia indígena você produz na própria terra, troca com os parentes e vende para a merenda da escola. O bem-viver na aldeia, ao contrário do não-índio que desmata tudo. Para nós viver tem que ter tudo, nosso trabalho. Os jovens têm que levar para frente o nosso modo de vida. A gente também vai ficar velho e os novos têm que seguir adiante.

Vocês vieram para cá e estão vendo essa tristeza de tanto esperar e toda essa destruição. Eu morei no grupo que estava lá perto das terras onde hoje é Juína. Lá não tinha nada não, era aldeia nossa. Foi muito depois que veio estrada e trancou nossas passagens. Foi tudo ficando cercado. Tinha caça, peixe, tudo. Hoje em dia não tem nada, tem fazendeiro.

Hoje, tudo limpo. Tudo ocupado e ainda tocam fogo! E aqui a gente foi sendo empurrado pro Cerrado. Muita tristeza na nossa história. Agora é só lembrança, acabou tudo. Por causa de dinheiro tiraram tudo. E a terra não sai nunca, aí é que não vai sobrar nada mesmo. Um dia eu vou morrer, nós, velhos. O que vai ficar para os novos? Já tô velho e tô esperando. Continuo lutando!

Eu era novo e fazia muita roça, casa, festa...Não preocupava com coisas de branco. Hoje tem que preocupar. A gente vivia de mel, biju, caça. Meu pai, meu avô, todos viviam bem na aldeia. Com nossos filhos é diferente. Antes, muita festa, muita tranquilidade, muita fartura. Nossos filhos não sabem o que é isso. Hoje está muito diferente.

Dói mesmo se sentir assim, sem conseguir ver como vai ser daqui para frente. Os mais novos devem se engajar mesmo. Aqui é tudo diferente, isso é nossa cultura. Mas a gente também quer ficar forte, não esquecer nossas tradições, isso é a saúde para nós.

Nossos velhos falam muito, a gente aprende com eles e eles estão vivos e fortes aí. Não desistem e assim aprendemos e falamos para nossas crianças, essa é a nossa identidade. Quando a gente fala isso a gente tá falando do que os nossos antepassados falaram, ensinaram e fim.



PAISAGENS DO ENTORNO





O manejo do não-índio é pasto e boi na beira do rio.

Kewanỹ já'a utamtjai tasotu, axa'a manãnkjapy

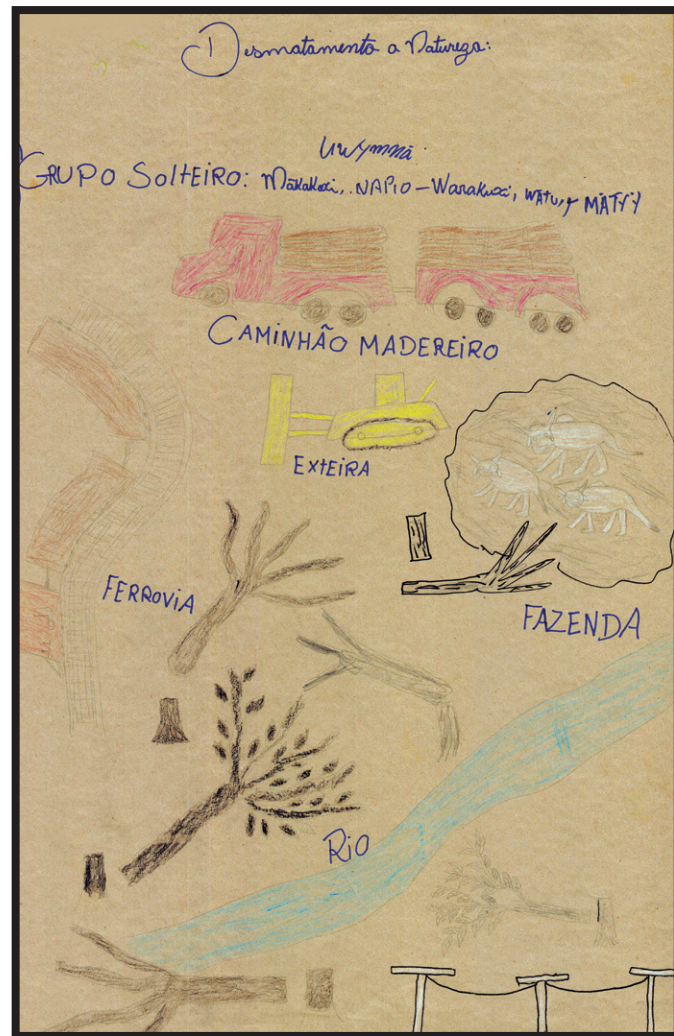


Figura: Paisagens do entorno representadas pelos solteiros.



Figura: Paisagens do entorno representadas pelas solteiras.

Desmatamento (próximo do rio) ameaçando a vida do rio.

Tasotunamaju manãkjapy xaãkujeri

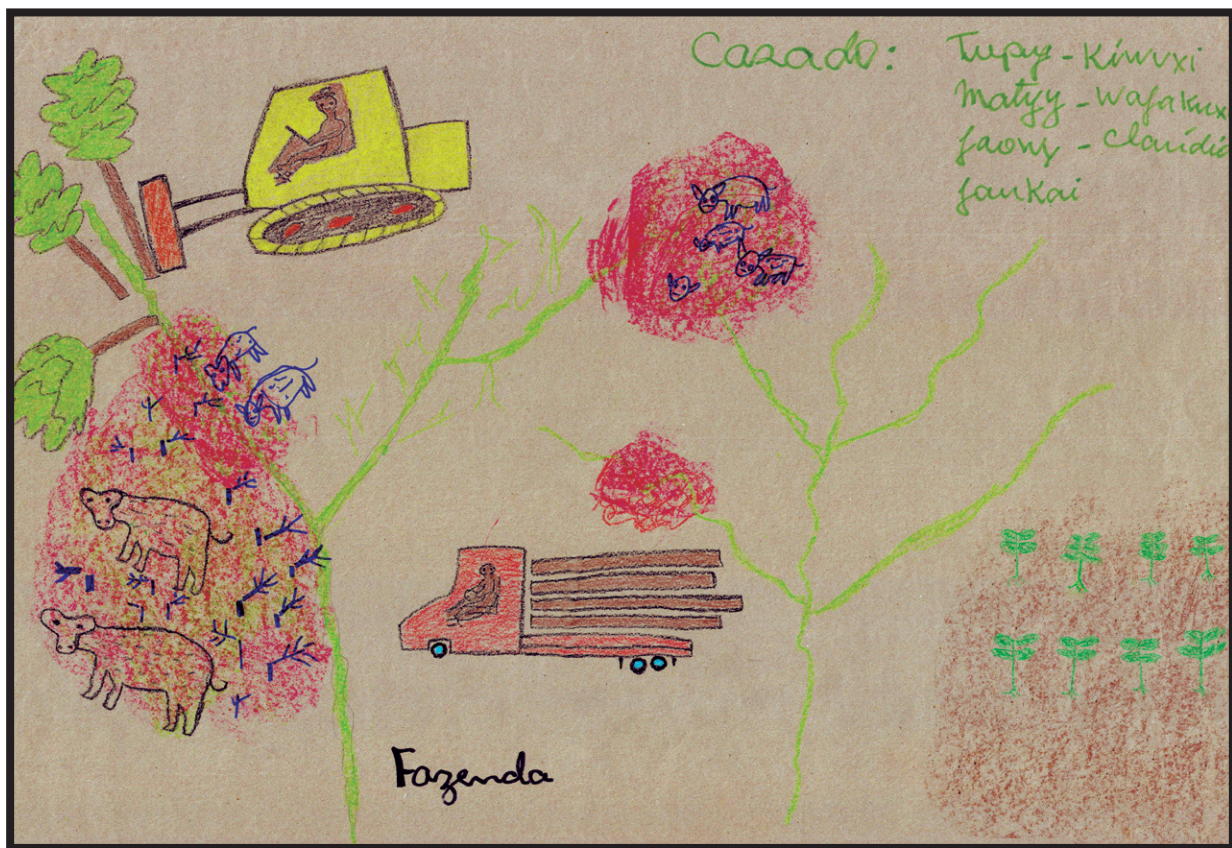


Figura: Paisagens do entorno representadas pelos homens casados.

Primeiro tiram madeira para fazer pasto e criar gado.
 Depois fazem os bebedouros para o gado nos córregos.
 Tem também a figura dos madeireiros que saem carregados
 e os que fazem o desmate do Cerrado para plantar soja.
 Não há bem-viver, o branco não pensa na natureza.
 Índio pensa em cuidar diferente dos não-índios.

Não há bem-viver, desmata, não conserva, acaba com tudo. Derruba para plantar, desmata cabeceira para fazer lavoura. Estamos cercados de lavouras contaminadas por veneno. Nós cuidamos do nosso ambiente.

Branco fala que não cuidamos, mas todos nós cuidamos da natureza, conservamos. Fazemos roça sim, mas de toco, machado. Nosso desenho mostra isso: trator, motosserra, caminhão de madeira, gado. Por isso tanto calor, tanta poluição. Ficamos preocupados com isso. Desenhamos esse córrego seco, escuro, sem vida, sem peixe.



Figura: Paisagens do entorno representadas pelas mulheres casadas.

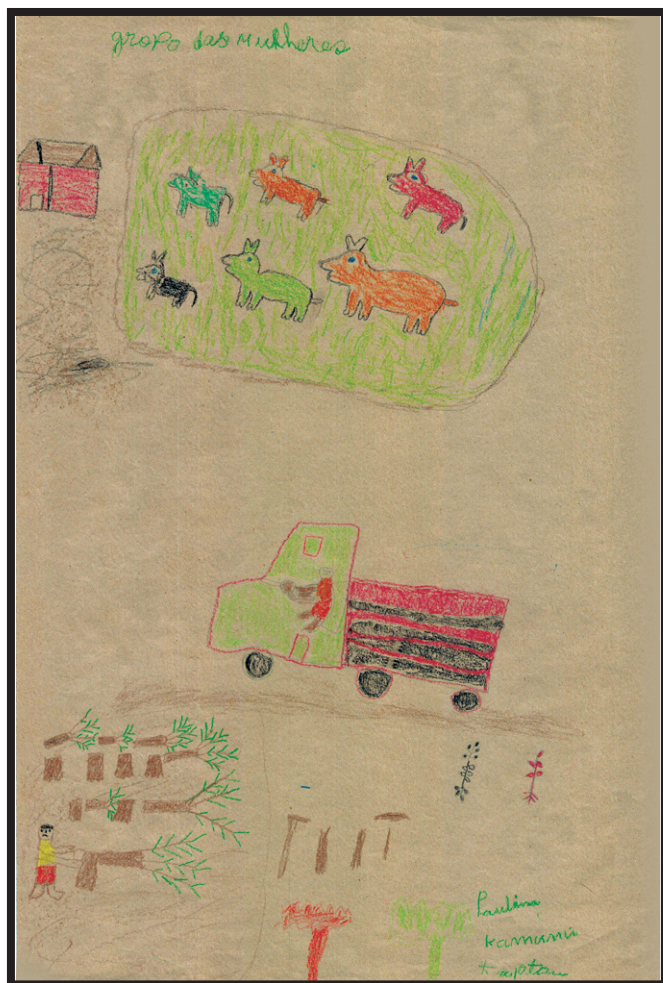


Figura: Paisagens do entorno
representadas pelas mulheres/avós.

Desmata para pasto, não cresce mais o mato,
acaba a caça. Macaco sofrendo sem árvores
para eles e sempre madeireiro tirando tudo.
Primeiro não tinha fazenda, agora tudo cercado.
As pessoas adoecem desse jeito, com água suja,
poluição, fumaça, calor, falta de comida.

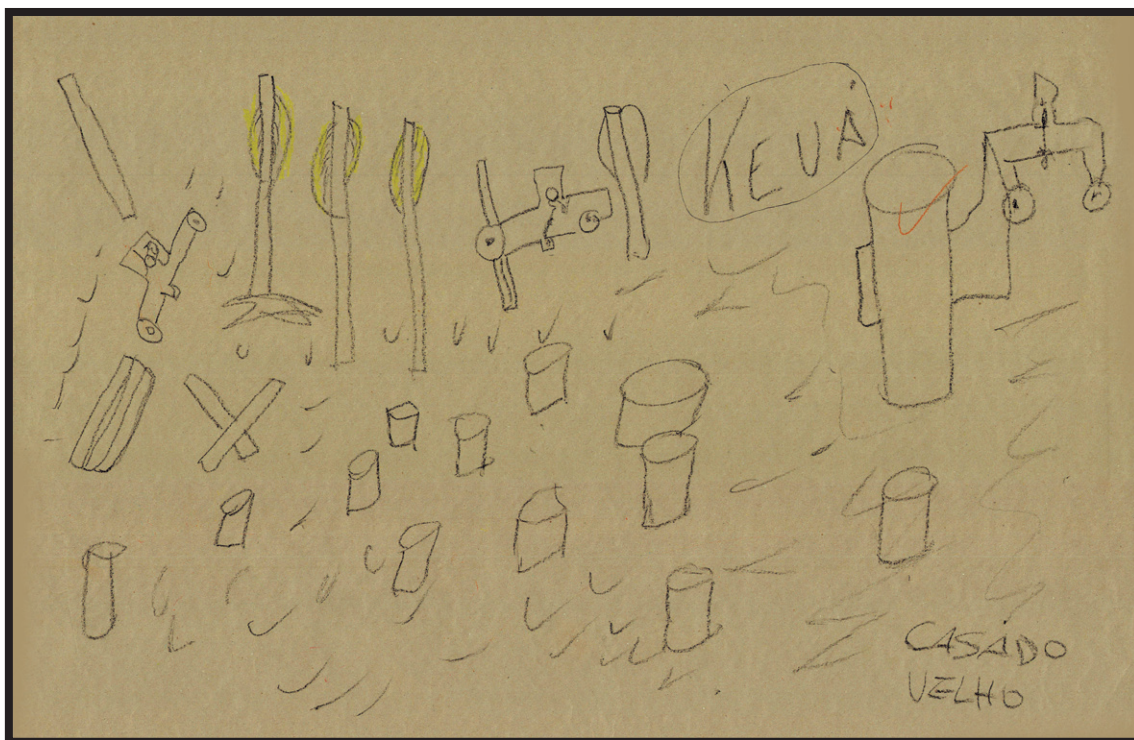


Figura: Paisagens do entorno representadas pelos homens/avôs.

Muita máquina. Lavoura, muita coisa. Trator, máquina. Mas não tem nada!
Não tem árvores, só maquinário.

*Makina jepte'y. Okika jepte. Jeptekao. Tratornỹ, maki-
na, a'akjepu. Nĩkjuwy makinanỹ*

Carro levando madeira. Boi.

Jãtai utatonémjũ a'a. Axa'a.

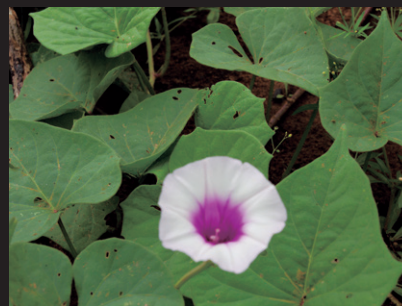


Figura: Paisagens do entorno representadas pelas crianças.





PAISAGENS MỸKY





Nosso manejo é o contrário dos não-índios

A gente planta muito. Cará, milho, não precisa desmatar tudo para plantar. Eu planto muito e não corto quase nada para isso.

Antes, não tinha branco por aqui não, tinha só nossos parentes. Hoje nossa terra é pouca, pequena. Isso não tá certo não, acabar tudo, tudo desmatado.

Nós plantamos tudo o que tem aqui. O meu pai e minha mãe colhiam frutos do mato e tantas coisas. Como pode ser certo? Entrar, tirar a gente e desmatar tudo! Quero como meu pai tinha: caititu, muita coisa. Hoje, tudo pasto.

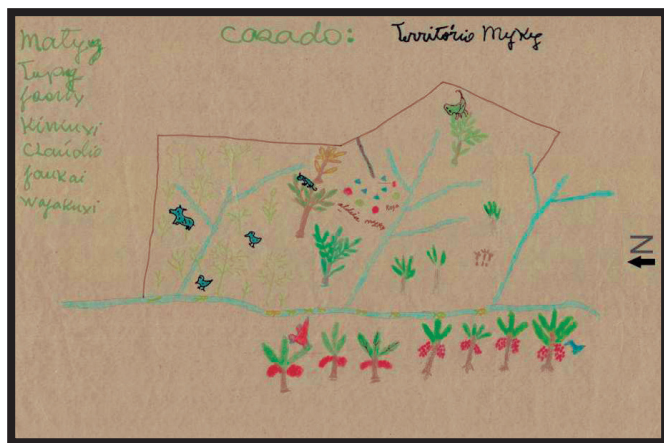


Figura: Paisagens M̃yky representadas pelos homens casados.



Figura: Paisagens M̃yky representadas pelas mulheres casadas.

M̃yky mjehe ipikje'y m̃akjunkjehy. Inĩ mokoowy
Manãnkjehy miatjapa jepte'y, pa'i.
Pa'i opakao. Mopa'i. Ākakje'y.
Mójamã, mauwa,a'a jepte'y.

M̃yky, bem-viver na aldeia. Casa tradicional.
Rio com peixe e mata.
Floresta, roça e alimentação.
Porco, tatu e árvores.



Figura: Paisagens M̃yky
representadas pelos solteiros.

Os rios devem ter bastante peixe assim,
para sobrevivermos. E muita caça,
macaquinho, floresta, mata, roça de milho...

*Manānpjaha miatjapa jeptekao
jāi ikanamapi. Ākanamapi jawa,
patāka, pa'i opakao, kuratu mopa'i.*

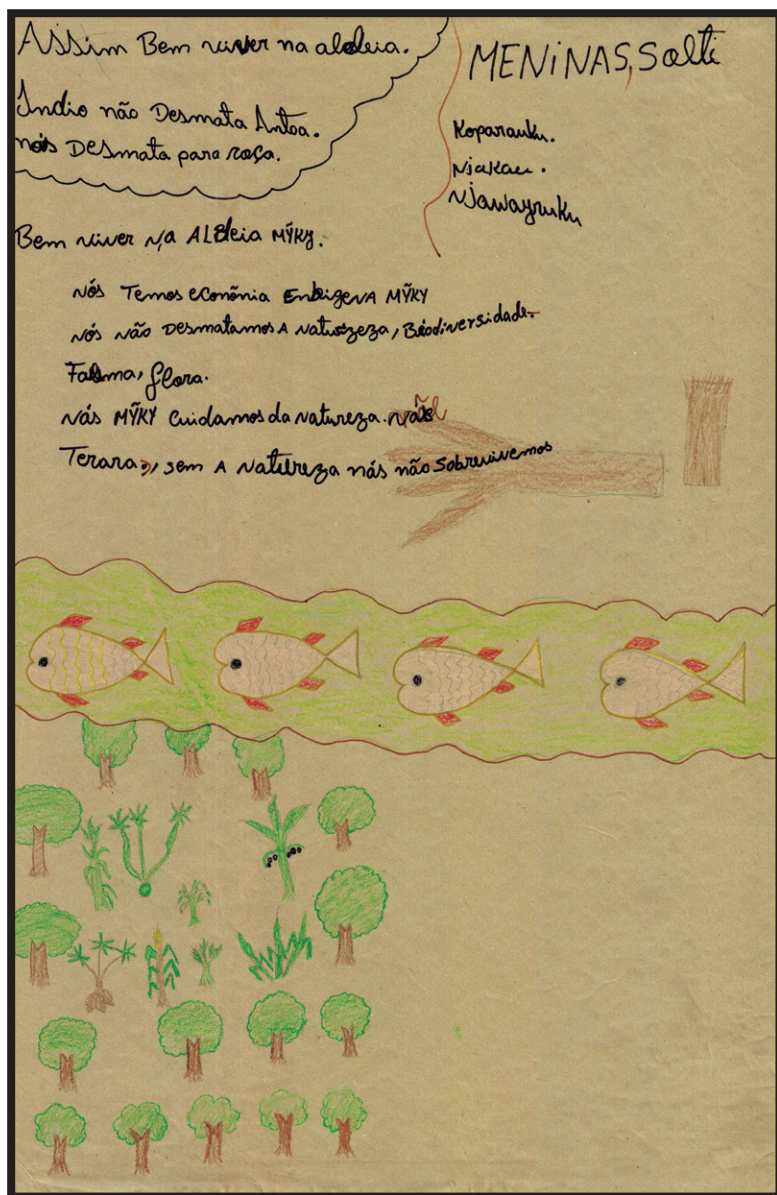


Figura: Paisagens MỸky representadas pelas solteiras.

Mjehy ikanamapi mâkjunkjehy.
 MỸkynỹ jariky wâtanaáranamapi pa'i.
 Wâtanamapi mopa'inkinã.
 Mjehy ikanamapi mâkjunkjehy.
 Ipikje'y mỸky jotapy ipikje'y kewankinã
 Wâtanaáranamapi pa'i. manai, mã'ã...
 Ajumãnamapi mỸky pjehi, jã mju'u.

Machado de pedra, rede, peixe, lago, xire, caminhão...

Awypjatápa, papy, miatjapa, manãmawy, pyri, jãtai.



Figura: Paisagens Mĩky representadas pelas crianças.



Cará, batata, mandioca, feijão. Tem alimento.
As casas, a aldeia.
Primeiro não tinha branco, a gente vivendo bem.

*Ona'a, onã, mÿ'ÿ, kumãta'a.
Inĩ jepte, mākju'u
Mjeki kewa akjepu, Mÿky ikanamapjatinĩ mjekaou.*

Figura: Paisagens Mÿky representadas pelas avós.

Anta, porco.
Nosso trabalho na roça. Machado de pedra,
cará, feijão.

Opyri, mójamã.
Manãnũnamapi mapa'inpjha. Ao'tápja, awypjatápa.
Ona'a, kumãta.

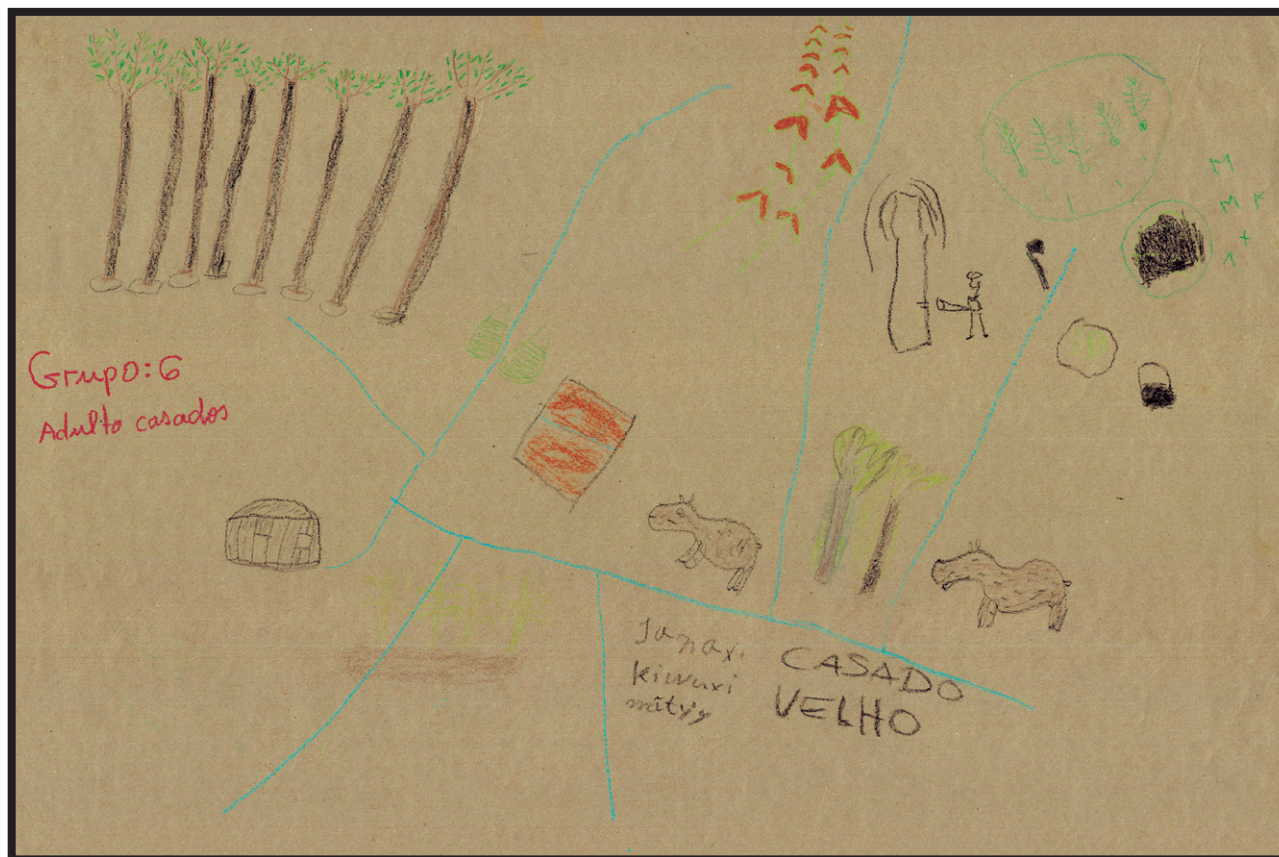


Figura: Paisagens Mĩky representadas pelos avôs.



PARTE II

GESTÃO TERRITORIAL MỸKY

Ipikje'y Mỹky pypkjanã

Pa'i Namy'i Jetá

Pasekje'y Waakje'y mỹky Wátuhowy

Inĩ mokoowy Jéta kju'u Ajumãpjukje'y Mamũ jepte

Jawa Mopa'i Kuratu Jawanã Awykje'y

Tjukai Wawa Kakje'y Xikijawai

Watakakje'y Ākakje'y Irekapa Jãmpa ākakje'y

Manãnukje'y Ka'a Papy Xipkjuhu

Amahy Pa pinỹ I'i

A'a Manãpapa Muhu

Tâkju'u Ajawai Waytumakjepu

Wátuho manãnũkje'y

Mije'i Ajumã Ajumã mjaroára

Paihi Paihikanã

Na vida de Mĩky não pode faltar

Terra Mulher Ritual (Jetá)

Festa Língua União do povo

Casa tradicional Casa dos homens Respeitar os espíritos

Caça Roça Milho Animais Pesca

Castanha Tucum Taquara Palha

Ensinar os filhos Alimentação Partilha Oferecer comida

Artesanato Flecha Rede Panela de barro

Fruta Remédio do mato Mel

Árvores Água Chuva

Escola Dinheiro Respeito dos brancos

Trabalho na comunidade

Pensar Cuidar Preservar

Riso Alegria

OBJETIVOS



TERRA

É preciso parar de destruir. Qual é o nosso poder de fazer parar? Nossa população é pequena, mas está crescendo. Nós não precisamos desmatar e destruir tudo para plantar, para ter alimento.

Branco vê diferente. Os brancos não conhecem, pensam no passado que índio só vive no mato. Não conhecem nosso costume, festa. Quem conhece sabe que tem que respeitar.

Os homens vão caçar com Jetá, que é o espírito. Assim se faz boa caçada na aldeia para ter festa, oferecer, ter saúde. Mas nossa caça tá indo embora. Como podemos fazer festa e respeitar os espíritos sem resolver nosso problema da terra? A roça da família é diferente, não busca caminho lá fora, depende da gente mesmo, aqui dentro, da nossa união e de mais ninguém. Mas sem a caça fica difícil a roça de Jetá, o ritual. Artesanato também é difícil o caminho: tucum, barro e taquara - tá tudo fora da terra demarcada.

Queremos terra porque é nossa, para viver nessa terra onde nossos bisavós nasceram, cortou umbigo e foram enterrados aí. Quando morria, era na casca de piúva. Agora no caixote. Por isso, queremos essa terra

Ritual JETÁ

para nós, para os nossos filhos ficarem nessa terra também, porque essa terra é nossa.

Um dia nós não vamos estar nessa terra, mas nossas crianças vão continuar aí, vivendo, fazendo caçada, aprendendo com os velhos que vão estar aí também e ensinar como viver nessa terra, plantar roça, mandioca, milho, cará, batata, amendoim. Tudo se planta na nossa roça.

Quando a gente faz oferecimento não é para a gente, é para espírito. Esses que nasceram e viveram neste espaço, que enterraram a placenta nesta terra, que marcaram qual é o nosso lugar. Eles morreram, mas estão aqui junto com nós, a gente não vê, mas eles estão junto, velhos, comendo carne, bebendo chicha, fazendo festa. Eles estão junto, isso faz nossa saúde, a gente tá se alimentando e eles também.

Como voltar a ter o mato bonito e ter terra de volta? Com quem vamos nos unir para voltar a ter a terra nossa e bonita, para ficar mais forte o nosso ritual da Jetá? Para isso, fazer a cultura ficar forte.

Vamos mostrar que continuamos com a nossa língua, costume, tradição, nosso jeito de viver.

DIRETRIZ

*Takarakanamapi kewankinã wanamapi numãku takarokje'y.
Are waa mÿkynkinã: numãku kewankinã takaroopa.
Kewa takarokika jepte'y tapaáraopa mopa'i,
kareoárapa panpjaha.
Numãku kewa takaraopa , mjehy.*

Aprender do branco só a metade, só metade.
Já falei pro povo, só metade aprender.
Se aprender o tempo todo, não vive vida de índio.
Não faz roça, não caça...
Então, só metade tá bom.

JEITO DE VIVER





O TEMPO PARA O POVO MỸKY

Nosso estudo não é papel.
É o nosso pensamento.
Sabemos pelas flores e pelas estrelas
que o tempo tá chegando.
É como os antigos ensinaram,
a gente também aprendeu.
Branco usa escrita para contar o tempo.
A gente marcava na corda.
Na escola também a gente aprende.
Mas a gente sabe mesmo é no nosso pensamento.



ROÇA





Tem o tempo da derrubada, da queimada, o tempo de plantar, o tempo de nascer, o tempo de colher e de apanhar, de caçar e de pescar...

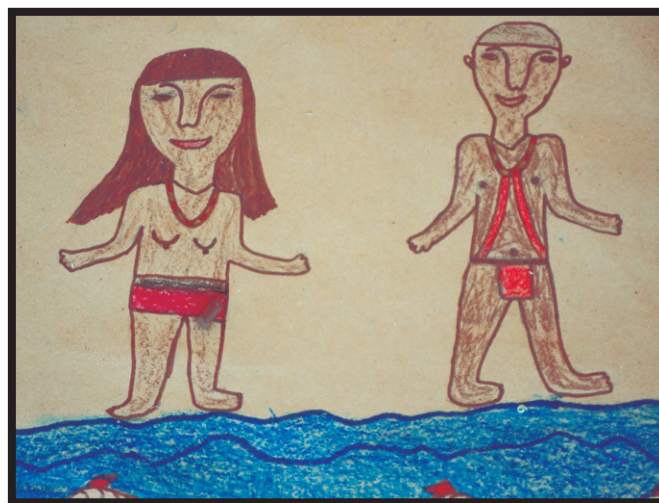
Não podemos perder nossas sementes.

Podemos criar associação, estudar fora na cidade, mas não podemos deixar de fazer nossas roças

para continuar comendo produto orgânico como mandioca, milho, arroz, feijão, batata e também vender para a merenda escolar. Para que serve um plano de manejo sustentável Mÿky? Para ter autonomia econômica indígena.

Ficar unido para fazer a roça grande. Se não se faz a roça comunitária, se perde o saber do ritual.

Na nossa Roça de Jetá, só quem pode entrar são os homens iniciados.



**Dos aproximadamente 64 cultivares agrícolas myky, apenas alguns estão aqui retratados.*

Milho



Não podemos perder nossa semente de milho, semente de qualidade. Continuar com a nossa semente para replantar na roça, para sobreviver, e para não comprar de fora.



Algodão



“Antigamente, a nambuzinha deu algodão para a mulherada. Ela deu algodão para nós. Se ela não tivesse dado, hoje a gente não tinha algodão. Os antigos plantavam algodão e nós não esquecemos, nós também plantamos. (...). Nunca aconteceu uma mulher não saber fiar!”



*Desde pequenas as meninas aprendiam e fiavam. Hoje também, aqui na aldeia Japuira, a mulherada sempre está fiando e tecendo. As meninas bem pequenas vão aprendendo a fiar e ajudam as mães a tecerem as redes e tecerem as tipoias.” **



** Jaapátau & Jamaxi Mĩky. In: História do algodão. (Org.) Elizabeth Amarante. Escola Estadual Indígena Xinui Mĩky/Livro didático, 2010.*

Origem da roça

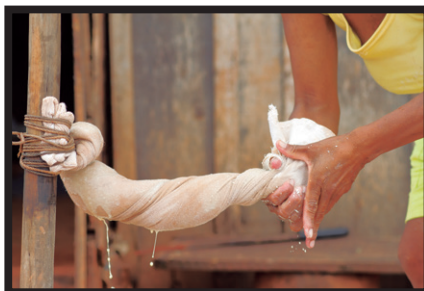


*...Quando estavam perto do lugar onde a mãe enterrou o filho,
viram uma grande clareira na mata e a mãe disse:
- No lugar dessa clareira era mato, quando eu vim
aqui naquele dia. Como é que é isso?
Chegaram à beira da clareira e viram plantada
uma roça com tudo que era plantação.*



A mãe disse:

*- Nosso filho não está aqui, mas foi dele que nasceu esta roça! Agora é que estou entendendo o que ele falou:
Eu só morro se você se esquecer de mim, não me atender e cuidar de
mim no tempo certo, não me plantar e me limpar...*



Imagens do preparo da massa de mandioca para fazer o biju.



*Do braço do menino
nasceu a mandioca-mansa,
da canela a mandioca-brava,
da cabeça a cabaça,
do coração o cará-branco,
do fígado o cará-roxo,*





A colheita e o preparo do feijão



*da unha o amendoim-vermelho,
da costela o feijão-pampa,
da ponta de esterno o feijão-de-vara,
da tripa a batata-doce,
do testículo a ararutinha-redonda,
do pênis a araruta,
da rótula a cabaça pequena.*

*Estava tudo no ponto de colher.
Encheram o xire de mandioca-brava,
mandioca-mansa, batata-doce,
e muito mais e levaram para casa. **

** Trechos extraídos do mito de origem da roça, transcrito por Adalberto Holanda Pereira In: O Pensamento Mítico Irantxe, 1985.*



ACAMPAMENTOS





Castanha-do-Brasil

Está difícil porque tem pouca castanha para apanhar. Nós vamos até o Castanhal para pegar castanha, mas não pegamos porque estão derrubando. Os brancos estão cortando os pés de castanha.

Queremos a nossa terra de volta, o Castanhal. Assim vai ser bom para nós, pegar a castanha, fazer acampamento de novo e buscar renda também.



Taquara



Aprender e continuar a fazer flecha.

*Por causa da destruição do taquaral que ficou fora da
nossa terra, está se perdendo o saber fazer flecha.
Os jovens não sabem fazer mais, só os mais velhos.*



Os recursos da floresta



Madeireiros cortam as árvores, cortam o pé de remédio e as árvores grandes estão acabando na floresta. Muita queimada e desmatamento. Tudo isso pode causar o desaparecimento dos remédios do mato e queremos continuar a usar o remédio do mato para não usar o remédio dos brancos, que pode fazer mal à saúde.

Fazer muda de remédio e plantar, preservar os remédios do mato para fazer bem para a nossa saúde. Buscar mel, ter mel de qualidade.





Tucum



Hoje, quase não pegamos tucum. Porque para pegar é muito difícil. Temos conflito com os fazendeiros porque derrubam tudo. Imaginamos a perda total do tucum e, assim, não vai ter mais para fazer muita corda de tucum.

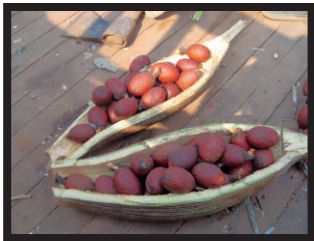




Fazemos as cordas para nossa rede, não precisamos comprar as cordas dos brancos. Podemos vender e trocar as cordas com os parentes e brancos. Para nós é importante mostrar a falta que o tucum tem para nós para fazer a corda da rede (e anéis, colares, arcos...). A rede junta as pessoas, o casal dorme junto. Tendo o tucum, não precisa comprar as redes de fora, dos brancos, e assim podemos continuar produzindo e vendendo as redes.



Buriti



Com o desmatamento,
estão acabando as frutas na floresta.
Tem que parar de cortar as
árvores para ter frutas,
replantar as sementes na floresta.
Há também a diminuição e
extinção dos pássaros.



Caça e pesca



Muita dificuldade de ter caça para dividir com a comunidade. Diminui a caça, diminui a quantidade de festa. Fazendeiro põe placa: “não pode pescar, não pode caçar”.

Mas tem que ter comida para oferecer sempre. Temos comida na roça, temos comida saudável, mas para o ritual de Jetá precisamos da caça.

A destruição e a poluição ameaçam alimento nosso tradicional. Hoje, poucos animais, difícil encontrar por perto, estão cada vez diminuindo mais. Existe muito desmatamento e queimada.



Os levantamentos referentes ao uso e manejo da fauna, caça, pesca, coleta, agricultura e produção da cultura material resultaram na identificação de 437 itens utilizados da biodiversidade existente em suas terras de ocupação tradicional no Vale do Juruena.

FESTA



O ritual une o povo. É igual festa, dá força!



*O ritual de Jetá une os homens do lado de fora da casa
e as mulheres dentro da casa. Todos participam.*





Caçamos para comer. Nos alimentamos da carne dos animais e oferecemos tudo no nosso ritual. Com a caça é que nós sobrevivemos. Mas para caçar os animais temos todos que cuidar das florestas para que eles continuem vivendo e a gente também.





*O ritual é saúde e é para não
acontecer coisas ruins.*

*Quando fazemos o ritual, temos saúde.
Mas precisa continuar fazendo. É preciso
saber o que é importante e o que é para
cancelar. Não é para colocar o que é de fora
como mais importante do que o ritual.*





*Olhar os jovens para voltar
a se envolver, fazer roça comunitária,
acampamentos, senão não vão
conhecer, reconhecer que a
festa é mais importante.*





*Ajumãpjukje'y Jétankinã. Jêjohu. Pypkjanã pukukje'y.
Respeitar o ritual, alegria. Fazer acontecer o ritual e continuar sempre fazendo.*

PLANO DE AÇÃO



MAPA DE USO E MANEJO DO TERRITÓRIO MỸKY

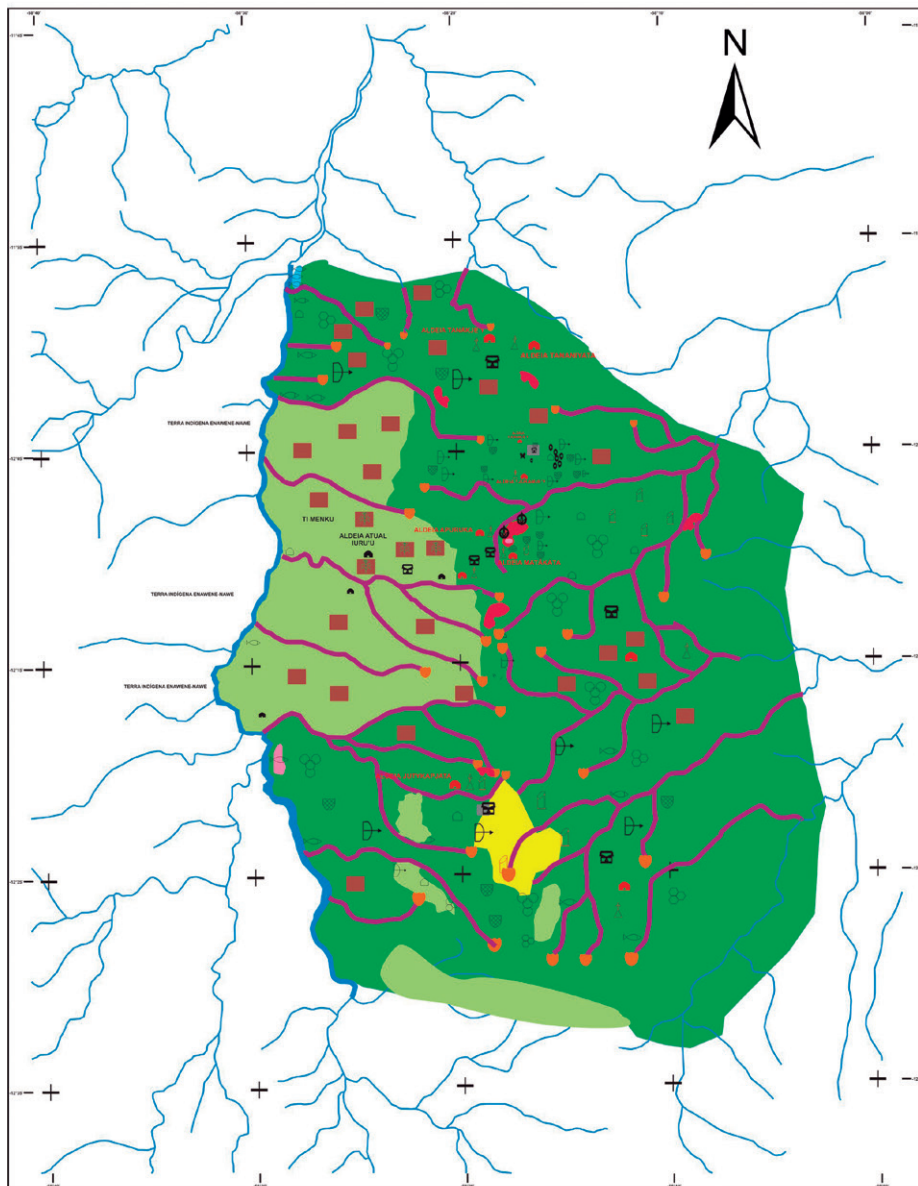
Legenda		
	Aldeia	Mākju'u
	Pesca	Awykje'y
	Caça	Kare'y
	Mel	i'i
	Lugar Sagrado	Ini àna
	Extrativismo Vegetal	JanāKje'yneju Wawakje'yneju Tokje'y jeteneju
	Rota de acesso	Ijā
	Cemitério	Kju'u paty
	Castanha	Tutukje'yneju
	Remédio	Piny
	Argila	Xipkju'u
	Extrativismo Mineral	Aotápa
	Coleta	Uta
	Acampamento	Ini
	Roça	Mopa'i

	Paata (Ecosystemas)	Entidades Regentes
	Matama'i (Brejo)	Matamju'u
	Manai (Córrego)	Manāpákamju'u
	Manā (Rio)	Manā Waramā, Kajononu, Tuku'u ma'i & Manamanā
	Manāmawy (Lagoa)	Manamj'y & Kajnonu
	Kamáni (Capoeira baixa/ Vegetação secundária)	Patōmymju'u
	Pa'i (Mata)	Pa'i mju'u, Ami'u & Ājanā
	Mā 'ā (Cerrado)	Mā'mju'u & Ami'u
	Kakje'yneju (Taquaral)	Kiomi'u
	Aja (Morro)	Ajami'u
	Manāmu (Várzea)	Mju'upa 'u
	Pákaty (Nascente)	Manā & Pakamju'u

Plano de Gestão Ambiental e Territorial do povo Myky	
Projeto Berço das águas (OPAN/Petrobrás)	
Terra Indígena Menkü, Brasnorte –MT	Escala: 1:150:000
Base Cartográfica: Mir 318 - SD.21.YD e SD.21.VD	
Elaborado: Luciana Ferraz	

Estas coisas têm dono - comida e terra têm. Se não tiver os espíritos, seca tudo, acaba tudo.

Jepte jākamỹ'ỹ. Ākakje'y, pa'i jākamỹ'ỹ Ākjepukika Nahi, iwuoky,mjaroky.



Pa'i (Mata) sob domínio das entidades Pa'i mju'u, Ami'u & Ājanā que regem o uso múltiplo da floresta pelo povo Myky e determinam o manejo Tutukje'yneju (Castanha).



Aotapa (extrativismo mineral) para elaboração de Pjata (machado de pedra lascada)



A Mopa'i (roça) sob domínio das entidades Pa'i mju'u, Ami'u & Ājanā que determinam o uso agrícola na mata, o manejo agrícola esta sob domínio da entidade Patōmymju'u ocupante do Kamāni (Capoeira baixa/ Vegetação secundária).



Kakje'yneju (Taquaral) domínio da entidade Kiomi'u que regulamenta o manejo da taquara pelo povo Myky

CENÁRIO ATUAL



Figura: Cenário atual do Plano de Gestão Territorial Mýky.

Nós desenhamos esse mapa que mostra toda a linha do limite do rio Papagaio, fazendo divisa com Terra Indígena Enawene Nawe. Lá embaixo na linha do outro limite que passa pelo córrego do Águas Claras, na beira do rio, é tudo bonito. Mas, do lado de fora desse limite está tudo desmatado. No limite junto à

estrada que leva até Brasnorte é onde estão os planos de manejo dos fazendeiros, desmatando tudo. Do outro lado, tem o Castanhal e o Tucunzal: tudo terra importante para nós, para buscar frutos, castanhas. Os animais também dependem de água, de frutas, assim como nós, senão não sobrevivemos.

Queremos de volta nossa terra para preservar, proteger e recuperar o mato, as águas, dar espaço para caçar de novo. Deixar crescer primeiro tudo, recuperar, crescer árvore. No início não dará para beber a água suja. Primeiro é preciso recuperar, ocupar com a caça, proteger as cabeceiras que hoje estão de fora e queremos de volta.

Sempre andamos por todos os lugares e tudo em volta é plano de manejo, onde antes era mato. Quem tem plano de manejo derruba tudo. O que é isso? Não sei quem autoriza isso! Lá no córrego Águas Claras tem um monte agora, tá tudo desmatado. Pelo jeito que vai...olha, se a gente é pra fazer plano de manejo, deve ser então para recuperar o que o plano de manejo deles está fazendo.

SEMA, IBAMA, FUNAI, são eles que autorizam esses planos de manejo. Cerejeira, itaúba, tudo saindo de lá do Águas Claras. A gente está ligando toda vida. Eu fico muito triste com cada madeira que sai daqui, madeira de muito mais de 50 anos, se extinguindo, tá acabando. Retiraram 500 mil m³ de madeira fazendo plano de manejo aqui perto de nós. O taquaral que nós utilizamos já foi retirado.

Esses órgãos que trabalham com a gente é que autorizam. Só que, além de tudo, os madeireiros vão além do que foi acordado, eles passam, tiram muito mais. E esses que deveriam fiscalizar deixam livres para tirar madeira. Desmatamento é crime! Usam a madeira para tudo e não controlam. Vai acabar. E sabemos que são os próprios órgãos ambientais que autorizam. Temos que nos unir, vocês que estudam: OPAN, FUNAI, IBAMA, temos que fazer frente a isso, se unir, lutar.

É comum também quando a gente vai buscar solução para os problemas de escola, saúde, terra, desmatamento. Fazer muito documento. Mas parece que empurram a responsabilidade de um para o outro. Aí o jeito é fazer chegar em Brasília ou Ministério Público quando vê que não dá mais jeito de conversar e resolver. Não adianta ter chefes de órgãos que não gostam de índio. Fala, fala e não faz nada. Fala que vai fazer, mas depois não faz nada mesmo! O desmatamento é exemplo muito bom disso.

Assim está tudo ficando devastado. A gente conversa, pede, faz denúncia e não para de sair licença de plano de manejo na nossa terra. Fora os casos ilegais que ninguém toma nenhuma providência. Com quem vamos contar, em quem podemos confiar?

CENÁRIO DE MÉDIO PRAZO

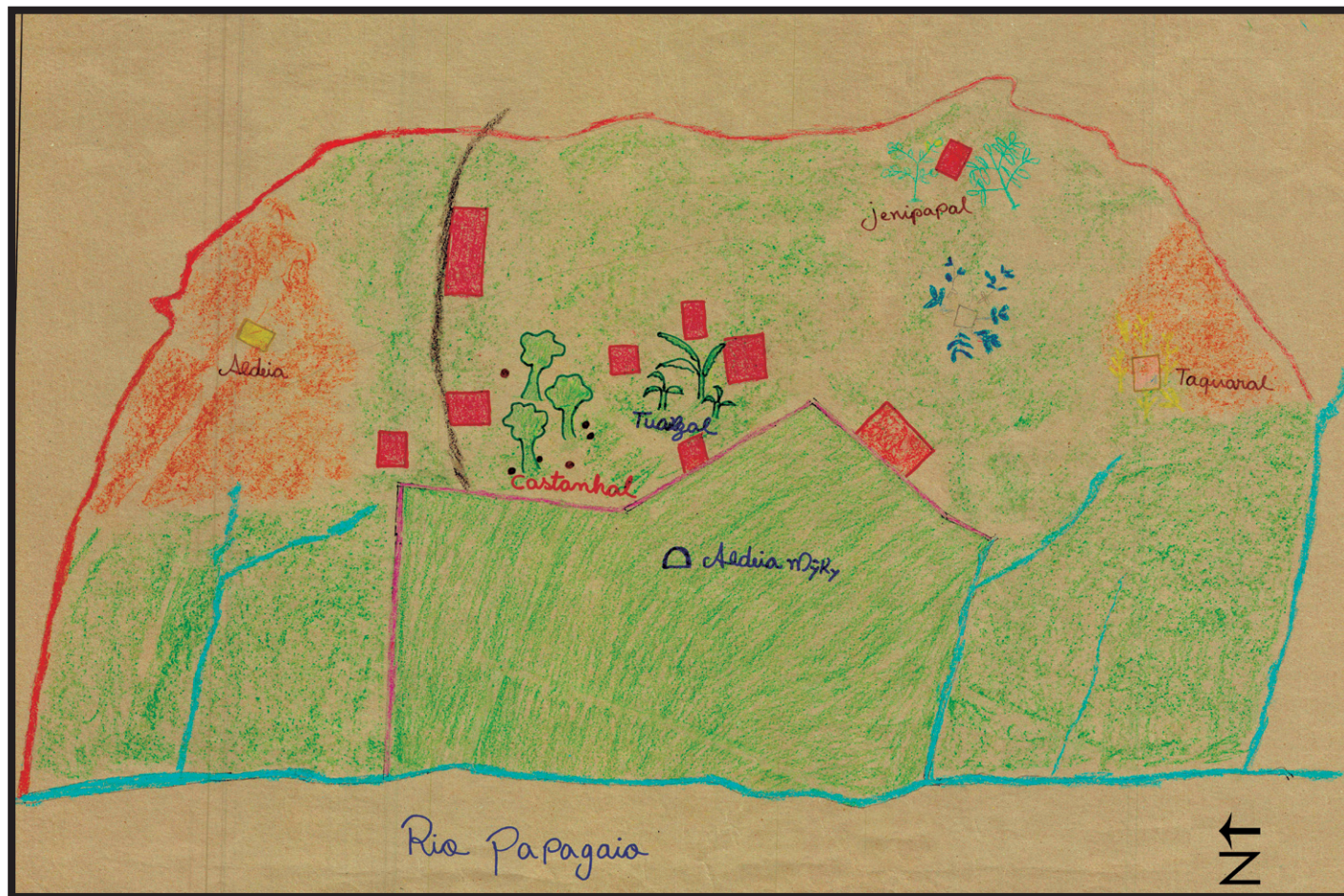


Figura: Cenário atual do Plano de Gestão Territorial M̃ky.

Fizemos o mapa da terra demarcada e a terra que estamos lutando, os limites da nossa terra toda. Marcamos o lugar do Castanhal em vermelho, mas lá tem as fazendas. Tem também o Taquaral, o Jenipapal, a cabeceira do Norato, onde dava muito cará. Então, marcamos esses nossos lugares: Castanhal, Tucunzal e a aldeia. A maioria das aldeias antigas estavam próximas do Castanhal. Se a gente consegue nossa terra de novo, a primeira coisa que devemos fazer é recuperar dentro desses vermelhos que marcamos no mapa. Nas áreas de fazenda, devemos replantar, reflorestar. Aí cuidar, né. O Castanhal está cercado de fazendas. Não é só buscar terra e deixar sem usar. É fazer roça, colher, usar, buscar, plantar onde é bom de fazer roça, com cuidado para não pegar fogo onde eram as fazendas. O tucano e o morcego ajudam a reflorestar. Eles vão lá no lugar desmatado e começam a reflorestar, espalhando as sementes.

Nossas crianças é que vão sobreviver nessa terra que vamos recuperar. Onde não tem fazenda é tudo verde. Isso tudo aí, Tucunzal, Castanhal, são as nossas crianças que vão ocupar. No mapa, em laranja marcamos os locais de desmatamento e queimadas. Primeiro vamos lá cuidar, pegar e usar. Cuidar e preparar para as crianças terem essa terra bonita no futuro. Local de remédio que tinha aqui dentro (áreas próximas ao Castanhal e Tucunzal), fazendeiro desmatou. Ele não conhece remédio de febre, dor de cabeça, de criança para não adoecer. Sobrou pouca coisa de pé.

Nós queremos cuidar das árvores, dos bichos, macaco. Se não tiver mato, bicho também não tem. Lá tem macaco, terra boa para buscar e fazer festa.

CENÁRIO FUTURO





Figura: Cenário futuro do Plano de Gestão Territorial Mĩky.

CENÁRIO FUTURO

Com a nossa terra de volta, teremos acampamento de castanha, passaremos semanas com a família para coletar castanha, caçar. Lá tem roça também, capoeira boa no Castanhal para plantar milho, batata, cará, feijão.

Marcamos também as piúvas e o cambará do Cerrado. No canto esquerdo estão as áreas de caça. Lá os homens vão caçar para a gente fazer festa.

Aqui está a aldeia atual. No Castanhal pretendemos ter uma casa para as festas, para acampar. O Taquaral tem que crescer de novo, a gente tem que fazer casa e futuramente vir até a ter aldeia aqui (canto direito inferior). Lá já teve muita aldeia, tem capoeira boa para fazer roça. Hoje só pescamos na divisa. Com a terra toda de volta, vamos pescar, regular e manejar o peixe em toda essa extensão (nos limites ao norte e ao sul do mapa). Áreas de caça (no canto esquerdo superior), fazer festa lá, caçada aqui na grande casa tradicional.

Aqui na área homologada, tudo tá preservado, cheio de biodiversidade. O sol tá alegre, tem a chuva que a semente precisa, tem arara comendo bacaba, tu-

cano comendo sumaneira, porco comendo. Faltou desenhá-lo o morcego.

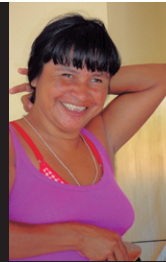
Com nossa terra de volta, liberdade de pescar, pegar castanha. Temos que ter fé de conseguir essa terra.

Quando não tiver mais fazenda, Mÿky voltará a morar lá também, não terá mais perigo. Aí não preocupa com fazendeiro e faz festa grande.

Aqui tá tudo de pé (canto esquerdo superior), tem remédio do mato. Onde foi desmatado vamos replantar cambará, cerejeira, mato de novo.

Assusta primeiro ver pasto e depois tudo lavoura. Tô vendo papagaio passando, arara, anta, caititu, porco, tudo vindo prá cá porque tá tudo desmatado. Cerejeira, casa de japuíra... não vemos mais a japuíra.

Trabalhar junto para fazer esse mapa, os novos vão levar para frente, preparar tudo para os filhos. Essa terra não é de uma pessoa, é de todo mundo, para colher. O sonho é que ela venha logo para a gente recuperar o que não tá bom.



*Foi muito bom todas as etapas, as oficinas.
Muito trabalho, muita conversa, pensar junto.
Temos que voltar a ter o nosso tempo.
Isso sim é o nosso trabalho.
Os jovens têm que trabalhar
mais na nossa cultura, não só na escola,
e levar os velhos para a sala de aula também.*



E PARA TERMINAR, A GENTE VAI FALAR DE NOVO...

Precisamos reflorestar a beiras dos rios e produzir mudas para plantar ou reflorestar. Manter a floresta em volta da terra e reflorestar as áreas desmatadas.

Hoje as águas de muitos rios e cabeceiras estão poluídas. Temos que diminuir a poluição dos rios. Não podemos deixar acabar os rios. Nosso trabalho é manter a água limpa e a natureza preservada. Temos que cuidar da natureza para o futuro, respeitar as leis. Os brancos não deveriam desmatar, nem destruir as árvores grandes como a peroba. Há os espíritos que moram dentro das árvores, tem que respeitar. Nas nascentes tem a mãe da água e nas cachoeiras também. Com as PCH os espíritos vão embora. Temos que preservar as águas para o futuro.

Primeiro não existia doenças como hoje. Vivíamos felizes. Roça, caçar, não tinha doenças como atualmente. Tinha muito jogo de bola de cabeça, que é da nossa tradição. Nunca deixava faltar mel. Tinha muita

piúva, taquara, roça. Dinheiro é passageiro, como pode alimentar nossas crianças? Dinheiro acaba e criança vai chorar de fome. Antes não faltava nada – cará, amendoim, mandioca, araruta, pequi, água, peixe... terra grande que ia até Juína. Agora a terra é pequena, mesmo com o dinheiro, terra é que não pode faltar.

Claro que quando olho um machucado vejo que precisamos de atendimento, de uma pomada. Isso é uma coisa. Mas, remédio vai ficar precisando mesmo se não tiver alimento, se não tiver terra, água, árvore, animais. Se não tiver roça, aí sim precisa do branco, precisa de remédio do branco.

Temos tudo. Caminhão, carro, micro-ônibus... não para! Apesar da pressão e agenda externa devemos manter nossa união, nossa luta nos une, somos unidos. Não adianta só os brancos respeitarem, também nós temos que respeitar primeiro nossa própria cultura. Não deixar acontecer a desunião

Nahi, nosso povo lá de cima, cuida terra, mata, caça, rio, alimento, cará, criança, planeta, sol.

Nahi, jái Mjamũ , mjehy wapaky pa'i, jawa, manã ma'i, ãkakje'y, ona'a, wapasi, ápjamã ikanamapi, irehy.





Realização:



Patrocínio:

